

Intenciono neste texto dois alvos: 1) incentivar aqueles que ainda não leram “*Keep The Aspidistra Flying*” ou segundo a tradução que utilizamos, “Mantenha o Sistema”, a entrarem em contato com o texto. Este primeiro objetivo é em si irrelevante, dada a estatura literária de George Orwell. Por isto, o segundo alvo é efetivamente o verdadeiro objetivo; 2) discutir uma contribuição de Orwell para o entendimento da luta anticapitalista.

Este ensaio não constitui, também, uma interpretação, no sentido que os críticos literários gostam de atribuir aos comentários às obras literárias. Trata-se, pois, de buscar no livro, sobretudo em sua ordem geral de exposição das ideias, a leitura que Orwell faz de algumas formas de resistência políticas à sociedade moderna.

A trama que ordena o livro estrutura-se em torno da vida de Gordon Comstock e na luta que este trava contra o dinheiro. O dinheiro é a expressão ou a materialização do todo da sociedade capitalista. Tudo, absolutamente tudo, segundo a apreciação de Comstock, gira em torno do vil metal. Desde a aquisição de bens materiais (roupa, alimentação, moradia etc.), amizade, amor, capacidade de criação artística etc. Tudo é mais fácil para quem tem dinheiro. Para aqueles cujos bolsos estão cheios, é mais fácil morar, comer, ter amigos, amar, produzir arte. Para aqueles a quem faltam as moedas, tudo se torna mais difícil. Mas ao mesmo tempo, Comstock identifica no dinheiro a falta de amizade, a falta de amor, os problemas familiares etc. O dinheiro é, pois, um mal a ser evitado. É algo a ser rejeitado. É a partir desta premissa que



Comstock organiza toda a sua vida: a) profissional; b) familiar; c) círculo de amizades; d) intelectual; e) amorosa.

Sua vida profissional é miserável. Trabalha em uma livraria e ganha uma miséria por semana. Dinheiro que mal dá para pagar o aluguel da pensão onde mora, o cigarro que fuma e a bebida que o torna ébrio. Mas ele ao mesmo tempo rejeita qualquer outro emprego que o remunere melhor, negando várias oportunidades que lhe foram dadas, o que deixa sua família, amigos e namorada completamente confusos. Seu objetivo é negar o dinheiro. Para tanto, deve ter um péssimo emprego. À medida que a trama se desenvolve, ele desce cada vez mais na escala social, indo para empregos cada vez piores. Se tem um salário baixo, tem pouco dinheiro. Nada mais, nada menos do que o estrito necessário para sobreviver. E isto para ele é o que basta. Contudo, ele não pensa duas vezes, quando em apuros financeiros, em pedir dinheiro emprestado à irmã, único membro da família com quem mantém algum contato mais direto. Por rejeitar o dinheiro, Comstock também acaba por rejeitar sua família que nunca consegue entender sua atitude diante da vida. Esta é a luta de Gordon. Negar o dinheiro, pois ao fazer isto, nega o mundo que necessita do dinheiro como coluna mestra de sustentação.

Também o círculo de amizades de Gordon é muito restrito, na verdade, quase inexistente. Consiste basicamente em dois nomes: Flaxman e Ravelston. O primeiro mora na mesma pensão que ele e ao que tudo indica é um comerciante que está temporariamente separado da esposa e por isto mora na pensão. O segundo é editor de uma revista chamada “Anticristo”. Este é rico, mas mora em uma bela casa num bairro degradado de Londres. Trata-se de um editor de inspiração política comunista e publica regularmente alguns poemas de Gordon. Comstock não aceita sair para beber com eles e quando aceita faz questão de pagar, mas nunca tem dinheiro para tanto, o que sempre provoca situações muito desagradáveis. Esses são os únicos a quem Gordon recorre ou que olham por ele: a irmã Júlia e os amigos Flaxman e Ravelston.

Além deles, há também uma mulher a quem Gordon nutre grande afeição: “amor”? Rosemary é seu nome. Este amor é durante toda a obra interrompido, religado, diminuído e aumentado pelo dinheiro ou a falta de dinheiro. A relação entre os dois



sempre tem no meio a discussão sobre o dinheiro, a necessidade de Comstock abandonar esta ideia de rejeitar o dinheiro e arrumar um emprego melhor, morar num lugar melhor etc. Entre idas e vindas, os dois não conseguem nunca retirar a sombra do dinheiro de entre ambos.

Esta ideia de Comstock de que o problema é o dinheiro e que por este ser o problema deve ser rejeitado, condiciona também sua vida intelectual. Segundo Gordon, os que têm dinheiro são os que melhor escrevem, os que melhor pintam. Os grandes artistas não tem que se preocupar em pagar o aluguel no final do mês, só tem que se preocupar em realizar sua arte. Gordon é poeta. É autor do livro de poemas: “Ratos”, que não chegou a vender a 100 cópias. Está há meses labutando para escrever um poema, “Prazeres de Londres”, o qual ele nunca consegue dar forma final. Argumenta que seu fracasso também como artista tem origem no dinheiro, por isto rejeitá-lo é a única alternativa.

Este é Gordon Comstock, o último membro da família Comstock. Devido à sua luta contra o dinheiro, torna sua vida familiar, amorosa, profissional, intelectual um problema sem fim. A atividade política de Gordon para negar o “sistema” é negar aquilo que dá dinamismo ao “sistema”, ou seja, o dinheiro. Esta sua luta política, luta árdua, ingrata, coloca o nosso herói anticapitalista no mais abjeto modo de vida. Ele sustenta que isto é o adequado. Quem quer que queira lutar contra o dinheiro, deve levar às últimas consequências as suas ideias. *A ação de lutar contra o dinheiro, negando-se a tê-lo, é o eixo estruturante da recusa de Gordon à sociedade capitalista.* Recusa a sociedade moderna negando-se a ter dinheiro e arcando com todas as responsabilidades deste ato. A sarjeta, a lama, o desespero, a miséria, a solidão são a consequência necessária da aplicação de suas ideias. Ele sofre com isto, mas aceita sua situação miserável sem a ninguém querer incomodar, exceto a irmã, nos momentos de grande desespero.

Quando Gordon, no empreendimento de sua luta, estava no mais abjeto modo de vida, um diálogo dele com Ravelston é bem revelador de sua ação política e dos limites que ela necessariamente apresenta:

Ano 02, numero 04 jul/dez. 2015

[37]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



— Você pensa que sou um sem-vergonha — disse olhando para o teto.

— Não, não penso. Por que devia pensar isto?

— Sim, você pensa. Pensa que sou um sem-vergonha por ficar num lugar nojento destes ao invés de procurar um emprego decente. Você pensa que eu devia tentar novamente aquele emprego da *New Albion*.

— Não, que diabo! Nunca pensei nisto. Compreendo inteiramente seu ponto de vista, como já lhe disse antes. *Penso que está absolutamente certo quanto a seus princípios*.

— Mas você pensa que está tudo muito bem quanto a princípios, contanto que o sujeito não vá tão longe e os ponha em prática.

— Não. Mas a questão é sempre a mesma: quando é que alguém os está pondo em prática?

— É muito simples. *Declarei guerra ao dinheiro*. E isto me levou até aqui.

Ravelston coçou o nariz e mexeu-se, pouco à vontade, em sua cadeira.

— *O erro que você comete, você não percebe, é o de pensar que alguém possa viver numa sociedade corrupta, sem se tornar corrupto ele mesmo. Afinal de contas, que objetivo alcança você ao se recusar a ganhar dinheiro? Você está tentando comportar-se como se alguém pudesse permanecer fora do nosso sistema econômico. Mas ninguém pode. Ou se consegue mudar o sistema, ou não se muda coisa alguma. Não se pode ter uma boa perspectiva das coisas olhando o mundo por um buraco, se é que você entende o que quero dizer* (ORWELL, s/d, p. 219) (grifos meus).

À exceção da questão da corrupção, pois Orwell generaliza demasiadamente o raciocínio, pois nem todo mundo é corrupto nesta sociedade, explicita-se aqui a contradição fundamental ou a limitação política congênita no modo de pensar e agir do Gordon Comstock. A luta de Gordon contra a sociedade capitalista é correta quanto aos seus princípios. Esta sociedade deve, de fato, ser negada. Um dos seus aspectos, o dinheiro, deve ser negado. O que Orwell quer demonstrar com esta imagem é que a mercantilização de todas as esferas da vida é algo que degrada o ser humano. Quando Gordon nega o dinheiro, o que está sendo dito por Orwell com esta imagem é que se deve negar a mercantilização da vida tal como a sociedade capitalista a estrutura.

O conjunto da vida na sociedade moderna é marcado por relações mercantis. Ou melhor dizendo, em outras palavras, a sociedade capitalista mercantiliza o conjunto da vida. Marx e Engels atestaram este aspecto da vida moderna quando disseram que:

A burguesia despojou de sua aura todas as atividades até então consideradas com respeito e temor religioso. Transformou o médico, o



jurista, o padre, o poeta, o homem de ciência em assalariados por ela remunerados. A burguesia rasgou o véu de emoção e de sentimentalidade das relações familiares e reduziu-as a meras relações monetárias (MARX & ENGELS, 2002, p. 28).

O desenvolvimento da sociedade capitalista marcado por esta mercantilização das relações sociais é necessariamente acompanhando, como demonstra o estudo de Viana (2002), pela burocratização do conjunto da vida. Mercantilização e burocratização são elementos indissociáveis na constituição da sociedade moderna. A crítica de Orwell neste livro está fundada neste primeiro elemento, ou seja, da mercantilização¹. O dinheiro, elemento que simboliza a mercantilização da sociedade no conjunto da trama, leva o protagonista a situações as mais difíceis. *A rejeição ao dinheiro, metaforicamente, representa a rejeição à mercantilização da vida.* Assim, sua arte, seus amigos, sua família, seu amor, seu trabalho são todos envolvidos nos mais dolorosos conflitos, justamente por que Comstock não quer ceder à vida mercantil, quer negá-la, quer rejeitá-la. “Declarei guerra ao dinheiro” é sua sentença.

O que Orwell demonstra na fala de Ravelston é que atitude de Gordon é inocente, ingênua. Ele quer viver contra o dinheiro, sem negar o que gera a necessidade do dinheiro. Mais ainda, quer negar o dinheiro sem negar a sociedade que necessita do dinheiro como forma de fazer circular os produtos, as mercadorias. Gordon não se preocupa em negar a sociedade capitalista, as relações sociais capitalistas. Contenta-se ingenuamente em negar somente um aspecto desta sociedade, sem negar o conjunto. Orwell demonstra isto quando narra os pensamentos de Gordon logo após Rosemary, sua namorada, dizer-lhe que há uma possibilidade real de emprego com bom salário e que basta ele entrar em contato com os possíveis empregadores.

De certo modo, porém, a coisa não era tão simples. Certa noite, cerca de nove horas, jazia ele na cama com a colcha rasgada sobre os pés e mantendo as mãos sob a cabeça, para aquecê-las. O fogo estava apagado. Por sobre todas as coisas havia uma grossa camada de poeira. A aspidistra já havia morrido há uma semana e ali estava secando, erecta, no vaso. Gordon retirou um dos pés de sob a coberta,

¹ Seu clássico *1984* (ORWELL, 1986) discute de modo incontestável o outro elemento, ou seja, a burocratização. A distopia inventada por Orwell neste famoso livro descreve uma sociedade completamente burocratizada e repressora controlada por um partido único, o Ingsoc. Esta discussão, contudo, foge aos objetivos deste trabalho.



manteve-o no ar e contemplou-o. A meia que usava estava cheia de buracos – havia mais rasgões do que meia. Então ali estava ele, Gordon Comstock, no sótão de uma casa de uma rua ordinária, sobre uma cama de andrajos, com os pés surgindo de meias esburacadas, com apenas um xelim e quatro pence no bolso e três décadas que haviam ficado para trás, sem que nada, absolutamente nada tivesse realizado! Não era ele agora um irrecuperável? Certamente. Por mais que tentassem, poderiam eles arrancá-lo de uma arapuca como aquela? *Havia desejado chegar até a lama. Bem, aquilo era a lama, não era? E, no entanto, ele sabia que não era assim. O mundo que evitava, o mundo do dinheiro e do sucesso, estava sempre tão estranhamente perto. Você não pode evitá-lo refugiando-se simplesmente na sujeira e na miséria. Sentira-se amedrontado, assim como enraivecido quando Rosemary lhe falara sobre a oferta do Sr. Erskine, porque tal comunicação aproximara-o muito do perigo. Bastaria uma carta, um telefonema e ele sairia daquela miséria para entrar, de volta e diretamente, no mundo do dinheiro – seria a volta a quatro libras por semana, ao esforço e à decência, a volta à escravidão. Arruinar-se, ir para o diabo, não é assim tão fácil como parece.* (ORWELL, s/d, p. 227/228) (grifos meus).

Orwell anuncia aqui a manutenção do voo da aspidistra ou, segundo nossa tradução, a manutenção do sistema. O título do livro no original é uma espécie de metáfora da normalidade. A aspidistra é uma planta que parece acompanhar a todo cidadão conformado, estabelecido, assalariado e satisfeito com a vida mercantil desta sociedade. Quando Gordon estava em sua luta contra o dinheiro, a aspidistra estava em seu quarto sempre à beira da morte, quando não, completamente morta. Gordon sempre teve ao seu lado esta plantinha, mas sempre a mantinha em estado deplorável. Ao que parece, metaforicamente, Orwell está demonstrando com esta imagem a negação da vida mercantil, cotidiana.

Quando Comstock desceu o máximo que pode, caindo na sarjeta e chafurdando na lama, ou seja, sem dinheiro, portanto, sem vida mercantil, a aspidistra que o acompanhava também morreu. A negação do dinheiro, da mercantilização da vida levou o protagonista ao mais fundo na escala social. Nosso herói caiu. Contudo, como indicamos na citação anterior, Orwell demonstra que basta Comstock olhar para cima que está lá, tudo como ele havia deixado antes, o mundo do dinheiro, do salário, do trabalho diário, do aluguel, do casamento, da família, das compras etc. Estava tudo lá,



ele que havia caído tanto é que não queria mais ter acesso àquilo tudo, mas aquilo tudo continuava a existir como sempre.

O que significa, pois, “Keep the Aspidistra Flying”? O que significa “Mantenha o Sistema”? O voo da aspidistra é a manutenção do sistema. Comstock lutou, como Dom Quixote, contra moinhos de vento como se fossem gigantes. Sua luta foi totalmente inútil e não levou a absolutamente lugar nenhum. Tudo estava lá. Ele se afastou do mundo do dinheiro, mas o mundo do dinheiro estava todo inteirinho, forte, pujante, brilhante e mercantil como uma vitrine de *shopping center*. Toda a luta de Comstock contra o dinheiro nada significou para o mundo do dinheiro.

A prova disto é que Gordon a ele retornou. Após uma notícia de Rosemary dizendo a ele que estava grávida, a aspidistra voou, ou seja, saiu da lama, da sarjeta de onde estava para um emprego estável, casou-se com Rosemary, alugou uma casa num bairro melhor, parou de escrever poemas, que era para Gordon uma forma de resistência, tornou-se, enfim, um cidadão conformado e bem situado na vida mercantil da sociedade capitalista. O voo da aspidistra é, pois, o retorno da normalidade, da vida cotidiana, do trabalho alienado, da mercantilização de tudo. É a vitória do dinheiro.

Últimas palavras: o significado disto para a luta revolucionária

Nossas considerações agora se dirigem aos grupos, indivíduos que se julgam a si mesmos revolucionários. Revolucionário aqui não remete a nenhuma mitologia ou lenda capitalista de líderes fumando charuto, vestindo fardas, empunhando fuzis, nem muito menos a chefes de partidos políticos, pousando de intelectuais e líderes da classe operária. Deixemos essas velhas ideias mofando no porão de onde nunca deveriam ter saído.

Revolucionário aqui remete a todo coletivo, indivíduo, organização que se disponha, em todos os níveis, a se contrapor às relações capitalistas estabelecidas. O revolucionário é o que nega. É também, paradoxalmente, o que afirma. Comstock negou o dinheiro, mas não afirmou nada em seu lugar. Revolucionário aqui é o que questiona o



conjunto da sociedade capitalista (valores, cultura, padrões, relações de produção etc.) e afirma em seu lugar outras relações sociais. O revolucionário nega a sociedade capitalista em seu conjunto, defendendo sua destruição. Paradoxalmente, o revolucionário é aquele ser construtivo, afirmativo, que vê nos escombros das relações estabelecidas tão somente a afirmação de uma nova sociedade, fundada na autogestão social. O revolucionário é todo aquele que luta, que combate de diferentes formas, para a constituição desta nova sociedade. O revolucionário é, portanto, aquele que expressa os interesses de classe do proletariado enquanto classe revolucionária, ou seja, auto-organizada.

A metáfora de Orwell nos é muito útil para se compreender uma categoria de grupos, intelectuais etc. que se apegam a fragmentos tentando com isto romper o todo. Não importa como intitule este revolucionário, bem intencionado ou não, seu conjunto de ideias. Comstock denominou a sua de “guerra ao dinheiro”, outros, podem encontrar outros nomes: vegetarianismo, veganismo, ecologismo, feminismo, consciência negra, luta pelo transporte, defesa dos animais² etc. Cada um destes elementos, importantes em si como são, desvinculados do processo global de transformação de toda a sociedade capitalista, é mera ingenuidade à moda de Comstock ou puro oportunismo mesmo.

² Um esclarecimento aqui é necessário para que se evitem interpretações equivocadas. A crítica que fazemos não se dirige à necessidade de luta contra a opressão de sexo, contra o racismo, contra a destruição ambiental etc. O ponto problemático é tornar cada uma destas lutas um fim em si mesmo, isolando-a da transformação global da sociedade capitalista. Ao proceder assim, o que resta são conquistas e adaptações dentro do próprio capitalismo, o que regularmente conduz ao oportunismo. É este o centro de gravidade a partir do qual avaliamos estas lutas particulares. Frisando, então, mais uma vez, o questionamento não é ao movimento em si e à urgência e necessidade de suas demandas, mas sim à maneira comstockiana (vamos aqui inventar um neologismo) com que geralmente empreendem suas lutas.





Quero aqui dar destaque para a questão da totalidade. O ponto de vista da totalidade remete ao conjunto das relações sociais que instituem inclusive a consciência que só consegue ver o parcial, o fragmento, a parte³. Gordon Comstock não conseguia perceber que sua luta contra o dinheiro, ou seja, contra a vida mercantil constituidora da sociedade capitalista, era completamente impotente se isolada das causas, das determinações que constituem esta sociedade. Ele negava a parte, não percebendo que esta parte é determinada pelo todo, pela totalidade.

A luta contra qualquer das partes que formam a sociedade moderna para não ser comstockiana ou oportunista deve-se dar de maneira a que a essência, as causas que determinam as razões destas lutas particulares seja atacada. O que deve estar, portanto, em pauta, é o ataque ao conjunto da sociedade capitalista e não aos fragmentos que a conformam. A luta particular sem a percepção da totalidade conduz, mais cedo ou mais tarde à manutenção do voo da aspidistra.

Cada organização revolucionária, cada indivíduo revolucionário deve, pois, estar atento a este ponto da luta anticapitalista. A percepção de que a negação da totalidade não vai acontecer hoje, amanhã ou ano que vem não deve desesperar àquele que luta, mas, pelo contrário, deve motivá-lo a cada derrota a caminhar nesta direção. A impotência da luta anticapitalista hoje deve ser somente, para os revolucionários, a confirmação de que em cada janela ainda cresce uma aspidistra, nada mais do que isto. Para os revolucionários, o entendimento de que cada aspidistra só desaparecerá quando

³ Sobre isto, cf. Lukács (2003).



a floresta toda for derrubada é, pois, o ponto de partida fundamental para o encaminhamento de suas lutas.

A percepção da totalidade só é possível, dentro da sociedade capitalista, se se parte do ponto de vista de classe do proletariado⁴. A classe operária, por ser uma totalidade, que em seu relacionamento com a classe capitalista constitui o modo de produção capitalista, cria, por esta relação, a possibilidade de percepção do todo da sociedade. Assim, o ponto de vista do indivíduo (os liberais em geral), do movimento social x ou y, do partido político x ou y etc. são sempre percepções limitadas para o entendimento do conjunto da sociedade.

O que os indivíduos revolucionários bem como suas organizações devem ter em mente é este aspecto elementar. A percepção da totalidade partindo do ponto de vista de classe é o único possível, pois as próprias classes são totalidades em si mesmas que se constituem na relação umas com as outras. Disto deriva: de qual classe é possível uma percepção correta da realidade? Já há toda uma literatura sobre isto, das quais a obra de Marx é uma das primeiras e mais bem fundamentadas, demonstrando que, na sociedade moderna, devido suas condições de classe, sua posição na divisão social do trabalho, seus interesses etc. é o proletariado a classe que permite uma melhor compreensão e entendimento da sociedade capitalista em seu conjunto.

Assim, a partir dos interesses de classe do proletariado (interesses a curto e longo prazo) é que os grupos, indivíduos devem fazer suas elaborações, bem como os movimentos sociais devem articular suas demandas específicas. A revolução é uma ação de classe social na qual os indivíduos, movimentos sociais, grupos, organizações de revolucionários tem seu lugar. Não são, contudo, tais grupos, organizações que farão a revolução social. Se a revolução é de classe e o proletariado revolucionário é o principal sujeito, não o único, neste processo, os indivíduos e grupos revolucionários devem contribuir para este avanço da luta proletária. Os movimentos sociais com suas

⁴ Não é intenção minha aqui desenvolver isto de modo mais detalhado, para tanto, consulte-se: Lukács (2003), Korsch (1977), Viana (2007) etc.



demandas específicas devem se inserir e contribuir, com suas pautas específicas, para essa mudança global.

Assim, retomando Orwell, a grande contribuição que nosso protagonista Comstock nos dá é: *ou a revolução derruba tudo o que existe para reconstruir tudo novamente sobre novas bases ou então ela simplesmente aduba o voo das aspidistras.*

REFERÊNCIAS

KORSCH, K. *Marxismo e filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.

LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, K. & ENGELS, F. *O Manifesto do Partido Comunista de 1848*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

ORWELL, G. *Mantenha o sistema*. São Paulo: Hemus, s/d.

_____. 1984. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1986.

VIANA, N. Universo psíquico e reprodução do capital. In: VIANA, N. (et. al.). *Psicanálise, capitalismo e cotidiano*. Goiânia: Edições Germinal, 2002).

_____. *A consciência da história: ensaios sobre o materialismo histórico-dialético*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

